

## O presente augustiano no passado heroico: a identidade romana no épico de Virgílio

LUIZ SOARES PESSOA JUNIOR

Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

E-mail: soares.pessoa@hotmail.com



**Resumo:** Este trabalho propõe uma reflexão sobre o uso da obra *Eneida* para a constituição de uma identidade romana. Para tanto, foram destacadas metáforas presentes na obra que demonstram o uso dela para projetar o personagem de Eneias no imperador e o seu uso para a formação identitária romana. Sendo assim, é estabelecida uma reflexão sobre a identidade romana e sua formação com a ajuda de Virgílio. Além disso, como em uma escrita épica, é possível vislumbrar as origens heroicas e a projeção do passado no presente augustiano e a constituição de uma identidade romana.

**Palavras-chave:** *Eneida*. Augusto. Identidade. Eneias. Roma Antiga.

**Abstract:** This work proposes a reflection on the use of the work *Eneida* for the constitution of a Roman identity. To this end, metaphors present in the work were highlighted that demonstrate its use to project the character of Aeneas in the emperor and for the formation of Roman identity. Therefore, a reflection on the Roman identity and its formation is established with the help of Virgílio. In addition, as in an epic writing, it is possible to glimpse the heroic origins and the projection of the past in the Augustinian present and the constitution of a Roman identity.

**Keywords:** *Aeneid*. August. Identity. Aeneas. Ancient Rome.

---

**A** *Eneida* foi escrita por Virgílio a pedido de Augusto, que solicitou uma obra de fundação épica. Esse pedido foi feito de forma pessoal ao autor, o qual passou alguns anos de sua vida até conseguir “terminar” a obra (FIGUEIRA, 2016). A obra não foi terminada, pelo menos, não pelo próprio Virgílio, pois faleceu prematuramente. Apesar de não ter sido possível sua conclusão, a obra foi publicada – a obra já era em parte conhecida pelos círculos de letrados da época e dos círculos de influência do próprio Virgílio (ZANIRATO; SOUZA, 2014). Com isso, o imperador tinha a sua disposição, em conjunto com uma grande variedade e abrangência artística, uma epopeia que o ajudaria a constituir parte da identidade romana no futuro e de uma escrita que o colocava num patamar divino e escolhido para levar o povo romano ao seu local devido. Sendo assim, a obra, finalizada ou não, foi suficiente para promover as virtudes romanas, exaltar Augusto e o povo romano na figura de Eneias.

A obra heroica envolve Eneias, um herói troiano sobrevivente da destruição de Troia, o qual, seguindo as determinações divinas, tem o dever de estabelecer uma nova

casa para o povo troiano que o segue para um local predestinado pelos deuses, onde, no futuro, será a Roma Imperial. Ao longo da epopeia e seus 12 livros, Eneias com alguns compatriotas saem da sua terra natal guiados pelos presságios e enfrentam várias provações ao longo da história. Só conseguem chegar à terra prometida pelos deuses após, ainda, enfrentarem os povos locais, latinos, para que consigam estabelecer ali e fundar as bases da futura Roma.

A obra é dividida, conforme Marques Junior e Miranda (2007), em três partes: provações (Livros I – IV), rituais (Livros V – VII) e combates (Livros IX – XII). Essa divisão reflete e resume os períodos e etapas passadas pelo herói Eneias, que enfrenta várias turbulências na sua fuga de Troia. Executa vários rituais tanto para celebrar alguns jogos quanto para poder ver, por uma última vez, o pai falecido no *Infernum*. Finaliza com várias batalhas com e contra os povos locais para se firmar na terra destinada.

Pode-se, ainda, fazer uma comparação da obra virgiliana com as obras homéricas em que as duas primeiras partes citadas por Marques Junior e Miranda (2007) se comparam a *Odisseia*. Essa comparação se faz devido aos dois personagens das obras terem passado por grandes e variadas dificuldades até terminarem suas jornadas. Essa “comparabilidade”, realizada pelo fato de os heróis terem descido ao *infernum*, é como parte do percurso realizado na jornada dos seus objetivos. A última parte da obra, pode-se comparar a *Ilíada* pelo maior envolvimento de grandes batalhas e realizações nessas guerras feitas por variados homens, mas, principalmente, realizadas pela figura de Eneias durante essas batalhas. (MAIOR JÚNIOR; MAIA, 2015).

A iniciativa tomada por Augusto, representada na obra de Virgílio e tendo um movimento artístico favorável e florescente do período, atua de forma a promover a figura do *Princeps*. Esse momento cultural, dentre outras formas de autopromoção, além de grande capacidade política, fez dele o imperador divino.

Ao longo de todo o texto, há uma boa quantidade de citações presentes na contemporaneidade do autor, as quais são aplicadas por Virgílio em sua epopeia para demonstrar epicamente uma origem romana e de características que seriam da identidade do bom romano. Sendo assim, percebemos vários pontos em que isso se tornou visível na leitura e, para tanto, procuramos, ao menos, propor a seguinte questão: as metáforas na obra *Eneida*, escrita por Virgílio no reinado do Imperador Augusto, podem caracterizar o estabelecimento identitário romano?

Para uma reflexão acerca dessa caracterização identitária, estabeleceram-se três objetivos secundários, que, em conjunto, podem auxiliar na análise da problemática apresentada: (a) conceituar minimamente o que caracteriza a identidade de um povo; (b) evidenciar aspectos, objetos ou trechos da obra em que se percebe essa tentativa; (c) estabelecer um diálogo entre o visualizado com os acontecimentos e os conceitos previamente expostos.

Considerando que este artigo propõe refletir sobre uma obra literária, torna-se necessário levantar considerações como as de Thomas (2004), que demonstra preocupação e avisa que se tenha cuidado na utilização de fontes literárias, já que podemos cair no perigo de estabelecer “verdades” sobre documentos que são ficcionais. Esse uso, portanto, da literatura como fonte histórica deve ser feito com cuidado e é necessário sempre manter um questionamento sobre as interpretações das obras. As

observações feitas por Thomas (2004) consideram que, ao longo do tempo, houve a leitura da obra de Virgílio como se ele fosse um “poeta de Augusto”. O autor pontua que essa percepção tende a ser um pouco inverossímil e um tanto generalista. Principalmente, por Virgílio ter falecido sem concluir sua obra e não ter conseguido visualizar os resultados do que Octavio Augusto promoveu em Roma. Além disso, Thomas (2004) levanta, em sua obra, críticas como as de P. Hardie, em que se questiona se Vergílio estaria a favor ou contra Augusto devido à existência de passagens em que se visualiza certa ambiguidade com relação ao imperador. (THOMAS, 2004, p. 22-23).

Conforme Pires (2013, p.136), ao citar Castells (2008, p. 22), o processo de construção da identidade tem como base a construção cultural ou um conjunto de atributos culturais inter-relacionados que vão prevalecer sobre outras fontes. Sendo a construção da identidade moldada por aspectos culturais, podemos dizer que uma obra como a *Eneida* serviu aos propósitos de constituição identitária. Ao longo da epopeia, em variadas passagens, a obra enaltece vários aspectos do homem romano, principalmente na figura exemplar de Eneias. Consideramos, portanto, que a epopeia escrita para representar os principais aspectos da identidade do que é ser romano entregou a Augusto uma grande ferramenta para promover certa unificação da identidade romana.

A identidade é constituída pela percepção consciente de pertencimento a uma unidade, ou seja, o indivíduo sente que, diante de variados aspectos em comum, ele é semelhante a um grupo específico. Esse grupo ou sujeito individual se entende como semelhante e observa outras pessoas ou grupos como diferentes ao não reconhecer os mesmos costumes (FIORIN, 2009, p. 117). Ao estabelecer o pertencimento para com um grupo, o indivíduo estabelece um “nós” no qual ele se integra e em contrapartida ele, também, cria o “outro” referente para com aqueles que ele visualiza não pertencerem, em costumes ou características, ao mesmo grupo dele. O “outro” e o “nós” têm um fator muito importante nessa percepção da própria identidade, pois definem uma linha imaginária dessas identidades. A noção de pertencimento parte também de certa aceitação – a aceitação de que aquele outro indivíduo é igual ou não aos olhos de quem avalia e da ideia da concepção de que se pertence a um grupo que o aceita como parte integrante dele, passando a considerar todos aqueles não aceitos a serem tratados como os “outros” que não podem possuir a mesma identidade, pois o grupo não os considera parte dele, mesmo que o indivíduo ache que possua esse mesmo conjunto de características definidoras da identidade.

Podem-se citar como características e aspectos que definem uma identidade de um grupo os aspectos citados por Thiesse (1999, p. 14, *apud* FIORIN, 2009, p. 116-117):

[...] uma história, que estabelece uma continuidade com os ancestrais mais antigos; uma série de heróis, modelos das virtudes nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares importantes e uma paisagem típica; representações oficiais, como hino, bandeira, escudo; identificações pitorescas, como costumes, especialidades culinárias, animais e árvores-símbolo.

Percebe-se que o discurso e os aspectos considerados relevantes são, em geral, aspectos culturais que fazem parte da história do povo que se identifica ou que se

procura identificar de uma forma própria. Dentro dessas características, podemos destacar a figura do herói modelo das virtudes nacionais. Esse herói é usado como exemplo ao qual se deve seguir para ser um integrante do grupo. Ou seja, ele é usado como exemplo do que é ser um indivíduo de certo grupo identitário. Em relação à obra de Virgílio, foi dado esse uso para o herói fictício de Eneias, um herói troiano que reúne todas as maiores virtudes romanas – ele seria o modelo exemplar do que é ser romano.

Além das considerações já feitas, tem-se que a Roma como estava configurada nesse período é advinda de uma junção de vários povos, conforme Scopacasa (2016) nos faz entender – principalmente, tendo em vista que a Península Itálica é formada e ocupada por diferentes etnias que ali se fixaram ao longo do tempo (latinos, etruscos, sabinos, hérnicos, équos, volscos, samnitas, lucanos, marsos, marrucinos, pelignos, vestinos e frentanos). Essas etnias vão sendo aos poucos aglutinadas por Roma seja por guerras, seja por diplomacia, e, ao longo do tempo, elas vão se tornando parte do império e aderindo ao que é ser romano. Entretanto, é complicado falar acerca desses diferentes povos tendo em vista que “temos pouquíssimos textos escritos pelos italianos sobre si próprios antes que todos eles se tornassem cidadãos romanos no século I a.C” (SCOPACASA, 2016 p. 567).

Essa configuração romana de império conjugado por várias nações foi, provavelmente, parte geradora da vontade ou necessidade do Imperador de tentar, através principalmente da cultura, estabelecer uma identidade romana para o império. Dentre as maneiras pelas quais os governantes romanos tentaram estabelecer a identidade romana, destacamos o uso da história heroica da fundação romana, a *Eneida*.

Sobre a obra *Eneida*, ela é um poema épico escrito em hexâmetro dactílico feita como forma de cantos dividida em 12 capítulos. A narrativa épica foi escrita com variados exemplos do que seria ser um virtuoso romano, principalmente, na figura de Eneias. Além disso, Virgílio preencheu a obra com momentos em que se vislumbra a exaltação de Augusto ou a utilização de eventos contemporâneos do autor. Pode-se citar como exemplo:

Eis o herói, homem, eis aquele que ouves sempre ser prometido, Augusto César, filho de um deus, que restabelecerá a idade de ouro no Lácio, nos campos onde outrora reinou Saturno, e levará o império além do território dos garamantos e dos índios, terras que se estendem além dos astros, além da rota do Sol e onde Atlas, que sustenta o céu, faz girar sobre os ombros o eixo do mundo repleto de estrelas brilhantes. (VIRGÍLIO, ENEIDA VI, 1995, p.108-109)<sup>1</sup>.

O trecho citado faz alusão a Augusto ser filho de um deus e à extensão do território por ele dominado, que seria todo o território conhecido. Virgílio coloca Augusto num patamar divino e já indica no texto que será ele o romano capaz de colocar Roma nos eixos trazendo-a de volta aos tempos da idade de ouro, não só pela posição de paz, mas também por todas as conquistas e avanços, colocando o momento do Imperador Augusto, divinizado, como um período de perfeição pela qual a civilização

---

<sup>1</sup> O texto da obra que foi usada como referência para este artigo estava escrito em formato de prosa.

romana estaria passando graças ao que o prometido filho de um deus estava realizando e pastoreando para que assim fosse.

Outro exemplo da exaltação de Augusto na obra é este: “[...] Nascerá César, de nobre estirpe troiana, que estenderá seu império ao Oceano e sua fama até os astros; seu nome Júlio virá do grande Iulo. [...]” (VIRGÍLIO, ENEIDA I, 1995, p. 26). Esse trecho faz alusão à linhagem de Júlio Cesar, da qual Augusto também fazia parte por ser seu sobrinho. O autor tentou associar a imagem de Júlio Cesar ao do filho de Eneias, Iulo; essa associação imagética, provavelmente, tentava transferir um pouco da divindade existente na descendência de Eneias, mas, também, associar as glórias das realizações de Eneias com os feitos de Júlio Cesar. Dessa forma, Augusto, também, seria herdeiro da divindade e dos feitos de seus antecessores, Júlio Cesar, ao ter sua linhagem associada à de Eneias.

Outro exemplo que também se pode retirar da obra é de quando o autor fala acerca do escudo forjado por Vulcano para o próprio Eneias:

[...] No centro do escudo estendia-se por longa extensão a imagem agitada de um mar dourado, mas cujas ondas eram brancas de espuma: ao redor, claros delfins de prata, em círculo varriam o mar com suas caudas e cortavam as águas. No meio, viam-se as frotas de bronze, a guerra de Ácio e Leucate. (VIRGÍLIO, ENEIDA VIII, 1995, p. 141).

Esse trecho da epopeia virgiliana remete à batalha de Ácio em que foi dada a vitória definitiva de Augusto sobre Marcos Antônio conseguindo unificar a Roma sob sua liderança. A citação dessa grande luta é mais um momento para exaltação dos feitos do *Princeps* e é colocado no escudo como uma revelação dos deuses do futuro, apesar de que o próprio personagem Eneias não tinha real ideia do que se passava ali, além da imagem deslumbrante apresentada para ele. A presença da batalha de Ácio esculpida no escudo é uma das visões divinas colocadas nele que demonstram aspectos do futuro glorioso que seguirá ao legado de Eneias ao conseguir estabelecer ali os alicerces da futura Roma.

Assim sendo, além de colocar fatos marcantes do presente do autor na obra, Virgílio para poder demonstrar o quanto Eneias possui *virtus*, que é um conjunto de virtudes prezadas pelos romanos, preenche o texto com vários exemplos do quão virtuoso o personagem é. Para tanto, Virgílio assim o faz se descrever:

Sou o piedoso Eneias, que trago comigo, na frota, os Penates arrebatados ao inimigo, e cuja fama atingiu o alto éter. Procuro a Itália, pátria de minha estirpe, que vem do grande Júpiter. Aventurei-me ao mar, na Frígia, com vinte naves, obediente aos fados, a deusa minha mãe mostrando a rota. Apenas me restam sete, batidas pelas ondas e pelos euros. Eu mesmo, desconhecido e pobre, vago pelos desertos da Líbia, expulso da Europa e da Ásia. (VIRGÍLIO, ENEIDA I, 1995, p. 28).

Essa descrição é dita por Eneias para a deusa sua mãe enquanto estava disfarçada de alguma outra divindade e sem o conhecimento de seu filho. O herói romano destaca o quanto ele se considera pio, advindo de *pietas*, e descreve rapidamente

o início do seu sofrimento na jornada até aquele ponto. Fala ainda que salvou os *Penates*, que seriam itens considerados sagrados representativos da própria Tróia. A *pietas* ou piedade é uma das características muito carecidas pela sociedade romana e, sendo Eneias um homem de muita *pietas*, ele é, além do salvador, digno dos *Penates* troianos. Pode-se entender, ainda, desse trecho anterior que Eneias é guiado e obediente aos decretos dos deuses. E ele estava naquela difícil viagem tanto por sua escolha quanto por sua obstinação em cumprir as vontades divinas.

Em relação à imagem de Eneias, um de seus companheiros de viagem na obra, o descreve conforme abaixo:

Nosso rei era Eneias, e igual a ele não houve outro mais justo na piedade, nem maior na guerra e nas armas. Se os Fados conservam este varão, se ele se nutre ainda das brisas do éter, e não se encontra já nas sombras sinistras, não temas; não te arrependerás por o teres primeiro o tornado grato pelos teus favores. (VIRGÍLIO, ENEIDA I, 1995, p.30).

Percebe-se, novamente, o quanto Virgílio coloca Eneias em um patamar diferenciado dentre os homens. A descrição dele é de alguém que é melhor em tudo o que faz, mas que, principalmente, é justo, piedoso e de comprovado valor nos combates. Essas características são expostas ao longo do texto como se fossem a essência de um bom líder; elas representam a liderança e, sendo Eneias comparado a Augusto, essas, também, são a representação do próprio imperador.

Nesse sentido a execução da própria obra que foi realizada em um momento em que Augusto já era imperador pode configurar uma tentativa de autopromoção da figura do *Princeps* retratada na figura de Eneias. Durante a obra, a figura de Eneias e seu povo se juntam à figura de Augusto e ao povo romano (ZANIRATO, 2014). Entretanto, é Eneias que na obra reúne, em sua própria imagem, a representação das características virtuosas augustianas e romanas (ROSÁRIO, 2008).

Especificamente, na obra *Eneida*, essa autopromoção vem em conjunto com a tentativa de estabelecer uma identidade puramente romana para todos os povos que fazem parte de uma Roma tão conturbada pelas agitações civis. É interessante observar que, assim como na *Eneida*, Eneias passa por imensas provações até conseguir finalmente se estabelecer na terra prometida pelos deuses. Essa Roma vivida por Virgílio foi tomada também por muitas provações – somente a figura de Augusto foi capaz de estabelecer uma paz, a “*pax romana*” ou “*pax augusta*”.

Pode-se considerar que o estabelecimento da cidade romana por Eneias nas terras prometidas pelos deuses segue os ditames que foram sendo dados ao herói ao longo da obra pela determinação divina. Sendo assim, Eneias passa por todas as provações, abandona um amor encontrado no seio de Dido e vê tantos companheiros se perderem ao mar. Mas, não é por vontade própria que ele segue até estabelecer a “nova Troia” e sim por ser um homem de muita *pietas*, ou seja, por ser um homem que valoriza o dever acima de tudo. Portanto, tendo recaído sobre ele o dever divino de estabelecer em terras longínquas a Roma que triunfará sobre o mundo, ele realiza todo aquele árduo caminho não por desejos pessoais, mas pela determinação maior, pela vontade divina. (TEIXEIRA, 2012, *apud* FIGUEIRA, 2016, p. 15).

Comparativamente ao imperador, considera-se que Eneias não só retrata a figura do Romano por excelência, mas acima disso retrata o próprio Octavio Augusto. O imperador detém o poder não por desejos pessoais, mas por determinação divina e ele o toma por ser um homem romano de alta *pietas* tal qual Eneias.

Além da *pietas* já explicitada, Eneias era possuidor de virtudes da ideia do *Mos maiorum* que seria um conjunto de virtudes ancestrais vistas como características do virtuoso romano. Dessas características tem-se: a *virtus* que seriam as características do grande combatente e guerreiro romano; a *fides* seria o quanto o indivíduo é digno de honrarias; e *agravitas* caracterizando o romano austero e firme. Dentre outras características. Cita-se, ainda, o quanto Eneias é retratado como devotado aos deuses e cumpridor de seus devidos rituais que marcam toda a extensão do texto.

A classe aristocrática romana no período augustiano estava em um momento de crise identitária que findou numa maior aceitação do estabelecimento de uma identidade romana proposta por Marco Túlio Cícero (106-43 a. C.). Dentre tantas obras e realizações culturais, a obra definitiva de Virgílio colaborou para catapultar a poesia latina a um novo patamar (PITA, 2010, p. 99). O imperador Augusto é, em boa medida, colaborador desse salto cultural, apesar de existirem autores que consideram que sua colaboração tenha sido ineficaz (PITA, 2010, p. 98-102).

Entretanto, se houve sucesso ou não por parte do *Princeps* na sua empreitada cultural, a obra de Virgílio foi utilizada como fonte de ensino e aquisição de conhecimento para os mais jovens tal qual as obras de Homero. O seu uso na educação dos jovens romanos propagou sua popularidade e influenciou as gerações depois de sua publicação e chegou aos tempos de Santo Agostinho. Ele considerava o uso dessas epopeias no ensino dos jovens como uma distorção da perfeição divina (PÊCEGO, 2007, p. 270-271).

Levando-se em consideração o que Santo Agostinho fala sobre o uso da *Eneida* (PÊCEGO, 2007, p. 270-271), como ferramenta de ensino aos jovens romanos, e considerando que a literatura épica também servia como fonte de aprendizagem do idioma, mas, também como fonte de ensino dos comportamentos através de personagens tidos como modelos de pessoas virtuosas (PIRES, 2014), Eneias foi posto num patamar não só de lendário herói da fundação de Roma como também de exemplo do que deveria ser um virtuoso romano. Salienta-se, ainda, que anteriormente à *Eneida*, as obras épicas que se tinha como exemplo para aprendizagem eram as homéricas. Com *Eneida*, Virgílio fez com que Roma tivesse uma obra épica do seu próprio povo. Tendo em vista que a *Odisseia* e a *Ilíada* são produtos da sociedade grega, a obra romana que estabeleceu sua descendência direta dos derrotados e destruídos troianos colaborou no fechamento de um ciclo. Um ciclo de vingança (PIRES, 2013) na qual os descendentes dos derrotados pelos gregos conseguiram se reestabelecer e dominar os seus antigos algozes. A anterior derrota e a dominação grega foram sobrepostas pelos filhos dos derrotados troianos que voltaram e vingaram seus progenitores dominando e superando os anteriores vitoriosos gregos.

Portanto, Virgílio entregou para os romanos uma obra própria de um romano e de como se deveria ser um romano e ela foi utilizada como instrumento de ensino e aprendizagem. O uso das obras homéricas não foi substituído pela de Virgílio no ensino dos jovens, houve um uso conjunto dos dois autores. Principalmente, porque a obra de

Virgílio se inspira claramente nas obras de Homero. Sua inspiração fica clara quando notamos que o seu principal personagem, Eneias, também estava presente na obra da *Iliada* como um príncipe troiano. Assim, existe uma ligação entre as obras e certa continuidade da produção homérica na virgiliana. Virgílio fez com que sua obra se ligasse permanentemente as de Homero devido ao uso de um dos personagens presente na *Iliada*. O que a Eneida conseguiu fazer com a obra de Homero foi promover um prestígio semelhante de um autor para outro entre os romanos. Estabeleceu-se um personagem que era o exemplo de virtude para as gerações romanas futuras.

Portanto, se levarmos em consideração as críticas de Santo Agostinho (PÊCEGO, 2007, p. 270-271), a empreitada de Virgílio, possivelmente, a pedido do Imperador, foi de certa forma bem-sucedida no longo prazo. Isso porque Virgílio conseguiu estabelecer entre os romanos uma obra tal prestigiada quanta as de Homero e que colaborava diretamente com a formação educacional e com os valores dos jovens romanos. Por isso, consideramos que a empreitada foi bem sucedida, e Virgílio conseguiu entregar uma obra que abrangesse desde uma origem heroica para Roma e através de Eneias demonstrou todas as virtudes que um grande cidadão romano deveria ter, ao mesmo tempo consagrando, em muitos momentos, esse Eneias tal qual Octavio Augusto. Assim, ele promoveu não só a história mítica romana constituindo um padrão de valores romanos que deveriam constituir o homem romano, mas também o Imperador Octavio Augusto na figura de Eneias.

### *Referências*

ARANTES JUNIOR, E. A. Os usos da imagem de Hércules: mito, memória e identidade no mundo romano. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 12, n. 30, 13 dez. 2011.

Disponível em: file:///C:/Users/Geovane/AppData/Local/Temp/1257-Texto%20do%20artigo-4475-1-10-20111213-1.pdf.

FIGUEIRA, Ana Paula Santana. *Política, vida cívica e religião: uma análise das memórias de Eneias no Livro III da Eneida de Virgílio (séc. I a.C.)*. 2016.119f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2016.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1º sem. 2009.

MARQUES JÚNIOR, Milton; MIRANDA, Allana Dilene de Araújo de. *Divinização do povo romano na Eneida*. João Pessoa. 2007. Disponível em: [http://www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/iniciacao/documentos/anais/2.CULTURA/2CC\\_HLADLCVMT01.pdf](http://www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex/iniciacao/documentos/anais/2.CULTURA/2CC_HLADLCVMT01.pdf).

MAIOR JÚNIOR, Paulo Souto; MAIA; Janaína dos Santos. Nas sombras da Odisséia e Eneida: os mitos como construtores de identidades no mundo antigo. *Alétheia – Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo*, n. 1, vol. 10, p. 41-50. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/aletheia/article/download/6692/5226>.

MEIRA, Fernanda Amaral. *Virgílio e a construção da idéia do império romano*. 2011. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.905-914.pdf>.

MOTA, Thiago Eustáquio Araújo. *Do descensus à consecratio: analisando os funerais heróicos na Eneida de Virgílio (I a. C.)*. 2011. 151f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de história, Universidade Federal de Goiás. Jataí, 2011.

PÊCEGO, Daniel Nunes. *Influências da educação romana no cristianismo primitivo: o exemplo de Santo Agostinho*. *Aquinate*, 2007, n. 5, p. 263-275, 2007. Disponível em: <http://proferlao.pbworks.com/f/INFLU%C3%84NCIAS+DA+EDUCA%C3%87%C3%83O+ROMANA+NO+CRISTIANISMO+PRIMITIVO.pdf>.

PIRES, Thiago de Almeida Lourenço Cardoso. Representações bélicas na arte augustana e a consolidação da identidade romana. *Revista História e Cultura*, n. 3, v.2, (Especial), p.136-149. 2013. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/download/815/1018>.

PIRES, Thiago de Almeida Lourenço Cardoso. Propaganda Política no principado augustano: as artes como forma de discurso (27 a. C. – 14 d. C.). *Pléthos*, n. 4, vol. 1, pp. 117-132. 2014. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/revistaplethos/nova/downloads/4,1,2014/10thiago.pdf>.

PIRES, Thiago de Almeida Lourenço Cardoso. *Revista Cantareira*, p. 28-38. 2014 Disponível em: <http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2016/09/e24a03.pdf>.

PITA, Luiz Fernando Dias. *Visões da identidade romana em Cícero e Sêneca*. 2010. 227f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Letras Clássicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio De janeiro, 2010.

ROSÁRIO, Nilcileia da Silva. *Entre a literatura e a arte: o mito da fundação de Roma no olhar de Virgílio e Bernini*. 2008. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2008/ROSARIO,%20Nilcileia%20da%20Silva%20-%20IVEHA.pdf>.

SCOPACASA, Rafael. Identidade étnica na Itália antiga (séculos IV-I a. C.): fontes, problemas e possibilidades de estudo. *Revista Tempo*, Niterói, n. 41, vol. 22, p.566-584. 2016. Extraído de: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v22n41/1413-7704-tem-22-41-00566.pdf>.

THOMAS, Richard F. *Virgil and the Augustan Reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução de David Jardim Júnior. 11. ed. Rio de Janeiro Ediouro: 1995.

ZANIRATO, Tatiana Franca Rodrigues; SOUZA, Fernanda Cunha; SOUZA, Natasha Bastos de. A figura de Augusto, na Eneida de Virgílio. *In: CONGRESSO Internacional de História*. Jatai, 2014, n. 3. *Anais*. 2014. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(204\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(204).pdf).